

**DEUS, O HOMEM E A MONTANHA EM LÚCIO CARDOSO: CONFISSÕES DE  
UM ESCRITOR PERSONAGEM DE SI MESMO**

**GOD, MAN AND THE MOUNTAIN IN LÚCIO CARDOSO: CONFESSIONS OF  
A WRITER CHARACTER OF HIMSELF**

[https://doi.org/10.46551issn2179-6793RA2022v24n1\\_a04](https://doi.org/10.46551issn2179-6793RA2022v24n1_a04)

Romildo Biar Monteiro  
Profa. Dra. Mary Nascimento da Silva Leitão

**RESUMO:** Abordar questões acerca do gênero memorialístico, atentando para seus matizes autobiográficos, implica ingressar numa seara de expressiva inventividade literária e, ao mesmo tempo, admitir uma instigante empreitada no plano da manifestação da escrita de si, em um movimento de sondagem que procura compreender, até um determinado ponto, o processo de autoconstrução do sujeito escrevente. Destarte, o artigo ora apresentado lança um olhar em direção aos escritos íntimos do romancista Lúcio Cardoso (1912-1968), nos quais divisamos as veredas percorridas pelo romancista, que arvora um profundo diálogo entre três temas centrípetos nos *Diários* (2012): Deus, o homem e Minas Gerais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si; diário; Lúcio Cardoso.

**ABSTRACT:** Addressing questions about the memorial genre, paying attention to its autobiographical nuances, implies entering a field of expressive literary inventiveness and, at the same time, admitting an instigating undertaking in the plane of the manifestation of self-writing, in a probing movement that seeks to understand, until a certain point, the process of self-construction of the writing subject. Thus, the article presented here takes a look at the intimate writings of the novelist Lúcio Cardoso (1912-1968), in which we see the paths taken by the novelist, who raises a deep dialogue between three centripetal themes in the *Diários* (2012): God, man and Minas Gerais.

**KEYWORDS:** Self writing; diary; Lúcio Cardoso.

Discorrer a respeito de questões intrínsecas ao gênero memorialístico, atentando para seus matizes autobiográficos, engloba as incertezas do caminhar por entre as veredas de um campo semeado pela inventividade literária e, a um só tempo, o reconhecer-se diante da fascinante e sinuosa trilha da escrita de si, em um movimento de sondagem que procura entender, até um determinado ponto, o processo de autoconstrução do sujeito escrevente. Para tanto, neste artigo, dedicar-nos-emos ao estudo do diário, especificamente os *Diários*, de Lúcio Cardoso.

Na percepção de Massaud Moisés (2004), no *Dicionário de termos literários*, o diário pode assumir variadas feições, podendo estar direcionado aos acontecimentos ou às reflexões suscitadas a partir deles. No caso de Lúcio Cardoso, encontramos uma escrita difusa evocadora dos mais variados aspectos da vida, desde opiniões sobre a cena política nacional às percepções sobre as paisagens visitadas ou sobre os projetos de livros sempre a fervilhar em sua mente, daí proferir esta sentença lacônica a respeito do diário: “Gênero híbrido, a ser tentado”<sup>1</sup>. Com efeito, poderíamos compreender os *Diários* cardosianos sob a classificação do diário íntimo, considerando-se, para tanto, a sondagem introspectiva utilizada na exploração dos conteúdos apresentados.

Em *O pacto autobiográfico*, o ensaísta francês Philippe Lejeune assevera que o diário comunga de algumas semelhanças com a autobiografia na condição de “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”<sup>2</sup>. Além disso, torna-se imperioso destacar os três pilares sustentadores do diário: a relação com o tempo, a fragmentação e a utilidade.

Feito da escrita cotidiana, no sentido de reflexão a respeito do tempo do escrever, na compreensão de Philippe Lejeune, “a base do diário é a data”<sup>3</sup>. O diário se desenvolve como vestígio do tempo do narrado; porém, a datação na escrita cardosiana nem sempre é precisa e, em alguns casos, nem mesmo é

---

<sup>1</sup> CARDOSO, 2012, p. 270.

<sup>2</sup> LEJEUNE, 2008, p. 14.

<sup>3</sup> LEJEUNE, 2008, p. 260.

sequenciada, de acordo com esta anotação: “Nada pude escrever durante esses dois dias, devido ao atropelo dos fatos, mas quero fixar aqui o meu cansaço cada vez maior de tudo o que hoje compõe a maioria dos elementos de minha vida”<sup>4</sup>.

Por sua vez, o caráter fragmentário do diário, consubstanciado por meio de várias entradas e temas, corrobora o processo de fragmentação do *eu* anunciado pelo advento da modernidade. No caso de Lúcio Cardoso, a projeção da multiplicidade desponta como modo de estabelecer uma gnose, o reconhecimento de sua personalidade. Por conseguinte, cada tema arrazoadado nos escritos íntimos do romancista, tendo como exemplo aqueles escolhidos no bojo deste artigo, entalha a efígie de quem nos fala, do lugar, da motivação, do modo e do conteúdo sobre o qual disserta.

Na perspectiva das funções de um diário, Philippe Lejeune (2008) compreende a conservação da memória, a sobrevivência do vivido para uma autoavaliação no futuro, o espaço do desabafo, o conhecimento de si, a possibilidade de deliberar sobre o futuro, a resistência às vicissitudes da vida, o exercício do pensamento e o prazer da escrita.

Tratemos agora dos *Diários* de Lúcio Cardoso. Eis aqui a matéria confessional que nos vê e que nos olha. A experiência que dela desabrocha é a do fascínio pelo insondável mistério da constituição do divino e do humano, o que significa tentar traduzir e representar o indizível por intermédio do telurismo das Gerais. Não obstante, nos limites assentes deste artigo, descartamos todas as pretensões porque a palavra é um candeeiro cuja luz bruxuleante apenas permite vislumbrar uma pálida imagem do escritor personagem de si mesmo. De fato, essa incapacidade é refletida pelo diarista quando não consegue divisar as coisas advindas dos sentidos e aquelas provenientes da imaginação:

Alguém, há tempos, achou esquisito que eu afirmasse não ser um escritor, e sim uma atmosfera. Há dias em que me sinto um personagem, e não eu mesmo. Alguém está contando uma história em que sou um dos acessórios. Só me reconheço, só

---

<sup>4</sup> CARDOSO, 2012, p. 244.

encontro de autenticamente meu, a obstinação com que levo esse ser imaginado a costear todas as rampas do precipício.<sup>5</sup>

O eu cardosiano aflorado dos *Diários*, espaço evocativo tanto da fala quanto da representação do “pacto autobiográfico”<sup>6</sup>, é apresentado através da imagem trinitária do autor-narrador-personagem. Dessa maneira, na condição de artesão da palavra, o diarista revisita seus escritos, reflete sobre o próprio diário e, em certa medida, discorda daquilo que escreveu, sentindo-se tentado a refazer o percurso narrado: “recopio o primeiro volume do meu Diário com grande morosidade, sentindo que envelheci, que minhas ideias mudaram. É difícil resistir à tentação de intervir, de reformar tudo – mas então já não seria um Diário e sim uma obra composta, um livro de ensaios”<sup>7</sup>.

Artista caleidoscópico, Lúcio Cardoso, ou Joaquim Lúcio Cardoso Filho, era um profundo conhecedor da arte nas suas mais variadas formas, construindo, no decorrer da vida, uma diversificada produção artística. Exegeta das paixões humanas, ele foi poeta, romancista, contista, dramaturgo, cineasta, roteirista, jornalista, ensaísta, tradutor e artista plástico. De criatividade poligráfica, Lúcio Cardoso esteve entre os raríssimos escritores que tiveram o arrojo de abraçar a escrita como condição de vida. Ao interrogar-se sobre a força que o levava a escrever um diário, compreendeu que o fazia a fim de salvar-se:

Escrevo – e minha mão segue quase automaticamente as linhas do papel. Escrevo – e meu coração pulsa. Por que escrevo? Infundável é o número de vezes que já fiz a mesma pergunta e sempre encontrei a mesma resposta. Escrevo apenas porque em mim alguma coisa não quer morrer e grita pela sobrevivência. Escrevo para que me escutem – quem? um ouvido anônimo e amigo perdido na distância do tempo e das idades... – para que me escutem se morrer agora. E depois, é inútil procurar razões, sou feito com estes braços, estas mãos, estes olhos – e assim sendo, todo cheio de vozes que só sabem se exprimir através das vias brancas do papel, só consigo vislumbrar a minha realidade através da informe projeção deste

---

<sup>5</sup> CARDOSO, 2012, p. 274.

<sup>6</sup> LEJEUNE, 2008.

<sup>7</sup> CARDOSO, 2012, p. 380.

mundo confuso que me habita. E também escrevo porque me sinto sozinho.<sup>8</sup>

Lúcio Cardoso foi um homem de confidências. O conteúdo de sua escrita íntima, inicialmente, destina-se a quem escreve, porquanto “somos nossos próprios destinatários no futuro”<sup>9</sup>. Depois, embora desconheça a face dos indivíduos que lerão suas confidências, pressupõe neste leitor virtual a compreensão do amigo ou de alguém que distante seja cúmplice da mensagem e da experiência vivencial ali alastradas. Para Lejeune, “o diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real”<sup>10</sup>. Dessa forma, no itinerário da escrita, Lúcio Cardoso faz um exame de consciência, expondo os elementos da constituição de si por intermédio de uma narrativa confessional onde “é a própria alma que há de constituir naquilo que se escreve”<sup>11</sup>.

O tracejo da palavra modela o corpo do texto desvelando dramas e medos numa escrita-escuta quase psiquiátrica, que funciona como ambiente de libertação de desejos e angústias do romancista. Não obstante, “no diário, o auto-retrato nada tem de definitivo, e a atenção dada a si está sempre sujeita a desmentidos futuros”<sup>12</sup>. Por sua vez, se o papel é transformado em espelho, nos diários de Lúcio Cardoso esse espelhamento ocorre de forma convexa, dadas as distorções da imagem refletida, a ponto de o escritor assegurar: “costumo inventar para mim um segundo ‘eu’ mais legendário do que outra coisa – e é estranho que surpreenda este outro vivendo quase sempre com mais intensidade do que eu mesmo”<sup>13</sup>. Dentro dessa perspectiva, entrevemos o sentido da ficcionalização tanto da personalidade quanto das experiências vividas, a despeito do compromisso do diarista consigo mesmo.

---

<sup>8</sup> CARDOSO, 2012, p. 244.

<sup>9</sup> LEJEUNE, 2008, p. 261.

<sup>10</sup> LEJEUNE, 2008, p. 261.

<sup>11</sup> FOUCAULT, 2006, p.145.

<sup>12</sup> LEJEUNE, 2008, p. 263.

<sup>13</sup> CARDOSO, 2012, p. 371.

Em certo sentido, o narrador-protagonista intenta encontrar a essência do vivido, da pervivência dos conflitos entranhados no mais íntimo de si, e, para tanto, questiona-se acerca dos caminhos por ele trilhados: “Interrogo essas folhas para ver o caminho andado, e elas não me acusam senão tédio e cansaço, de tal modo eu roço o real sem atingi-lo ainda no seu cerne”<sup>14</sup>. Em certa medida, o que Lúcio Cardoso parece indicar é que “o diário é um apelo a uma leitura posterior”<sup>15</sup>. Ditas estas, entre outras coisas, não podemos deixar de considerar que o passado não é resgatado integralmente, mas em parcelas, pois, “lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”<sup>16</sup>. Nesse sentido, preservar a existência de um diário é possibilitar um olhar direcionado a acontecimentos pretéritos, adotando-se uma atitude revisionista.

Na literatura cardosiana, o ato da confissão projetado além da ideia de desagravo de uma culpabilidade, converte-se em espaço de questionamento de Deus e do homem. E, afora isso, o relato autobiográfico conduz o diarista ao espriamento dos sentidos de um universo cujas leis já não compreende em sua totalidade, pois “o dilema existencial do homem [...] consiste na necessidade de descobrir significação em uma vida que é finita, enquanto as aspirações e a imaginação humana não o são”<sup>17</sup>. E, no entremeio da harmonia e da dissonância na qual ecoam os ruídos da música da existência, o diário do escritor constitui o mecanismo propício à auscultação dos dramas lacerantes de sua alma irrequieta, em um mergulho abismal de projeção exímia da escrita da solidão.

No mais abscôndito da interioridade, onde fala o coração, a escrita torna-se um imperativo, todavia, sujeita aos meandros da memória que, no resgate do esquecido, tanto a faz rediviva quanto a modifica. Por vezes, o escritor meneia entre o deslinde de alguns temas e, vagando no interior do labirinto da alma, caminha vacilante, “avança e volta atrás e procura na escrita o fio de Ariadne da

---

<sup>14</sup> CARDOSO, 2012, p. 523.

<sup>15</sup> LEJEUNE, 2008, p. 305.

<sup>16</sup> BOSI, 1994, p. 21.

<sup>17</sup> ROCHA, 1992, p. 18.

salvação. Escrever sobre si é procurar reencontrar-se dentro do seu próprio labirinto, ou situar-se no labirinto do mundo”<sup>18</sup>. Desse modo, tentando ser fidedigno ao vivido, Lúcio Cardoso vai tecendo o seu *concertar consertado*<sup>19</sup>:

Não tentei me ocultar, nem me fazer melhor do que realmente sou. Nem melhor, nem pior. Se de nem tudo falei, se sobre aquilo que provavelmente constituiria o interesse do público mais numeroso calei-me ou apenas sugeri o que devia ser a verdade, é que um arrolamento constante de fatos sempre me pareceu monótono e sem interesse para ninguém. A questão sexual, por exemplo, que alguns leitores provavelmente reclamariam, que adiantaria estampá-la, destituída de força, apenas para catalogar pequenas misérias sem calor e sem necessidade? Mas por outro lado, procurei, para com as minhas ideias e os meus sentimentos, ser tão exato quanto possível.<sup>20</sup>

Lúcio Cardoso não compreendia o diário como repositório dos acontecimentos do cotidiano, circunscrito pela repetição das ações como as idas ao cinema ou o desfrutar de jantares. Nesse sentido, o romancista mineiro manteve uma visão desinteressada para com a banalidade dos acontecimentos diários, a ponto de afirmar: “Prefiro o sentimento que me causaram, e se algum houve digno de nota, este é que deve figurar aqui, ainda que seja expresso numa linguagem capenga e só corresponda a uma parcela reduzida da verdade”<sup>21</sup>. Se, anteriormente, o escrevente estava sujeito aos engodos da ação vivida, no momento da escrita percebe-se transpassado pela reflexão dos acontecimentos, intenta a extração do essencial, da seiva laborativa que nutre o indivíduo e o material narrado; do contrário, jamais chancelá-lo-ia com o próprio nome o diário.

Na condição de narrador, o escritor-personagem reflete acerca da imagem a ser plasmada, considerando-se o sentido de leitura futura do diário e a compreensão de que “o texto que se confia assim ao papel é um vestígio dessa

---

<sup>18</sup> ROCHA, 1992, p. 54.

<sup>19</sup> Expressão tomada de empréstimo do romance *Grande sertão: veredas*. Cf. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>20</sup> CARDOSO, 2012, p. 358.

<sup>21</sup> CARDOSO, 2012, p. 266.

conduta”<sup>22</sup>. Destarte, no interior das reflexões cardosianas, o Homem desponta sempre como uma preocupação, seja em face da revolta existencial que o impulsiona à transgressão, seja em face dos sentimentos de remorso e culpabilidade, aspectos que, de algum modo, são instigadores da ânsia pelo perdão divino. O humano e seus sentimentos conflituosos, suas atitudes beáticas e/ou demoníacas, despontam como matéria da carpintaria literária de Lúcio Cardoso, transformando-se em constantes nas notas dos *Diários*, dentre as quais nos parece pertinente o seguinte fragmento:

Se me perguntassem hoje qual é o fim extremo de minha obra, diria que é o Homem, ou melhor, a reintegração na sua forma decisiva e total, sem amputações, com seus lados de sombra, de conflito e de pecado – de tal modo total que, mesmo se Deus permanecesse não nele, mas à parte dele, ainda assim lhe sobrasse uma parte de grandeza e só ou abandonado, ele ainda fosse no universo como uma obra inteira e sem dilaceramentos.<sup>23</sup>

Em um sentido propínquo ao do pensamento nietzschiano, vertente filosófica com a qual o escritor Lúcio Cardoso guardava afinidades, o sobrepujamento da deidade apenas lograria êxito mediante o resgate do homem integral referido em complexidade. Percebe-se que ao abordar essa questão, o diarista busca um caminho de pavimentação filosófica para pensar a elaboração dessa plenitude do humano. No entanto, o rompimento com a figura de Deus pode representar a perda do caminho de superação da angústia e do desespero, gerando-se atitudes que tornariam a existência qualquer coisa de impraticável, em concordância com a filosofia kierkegaardiana: “jamais alguém viveu e vive, fora da cristandade, sem desespero, nem ninguém na cristandade se não for um verdadeiro cristão; pois que, a menos de o ser integralmente, nele subsiste sempre um grão de desespero”<sup>24</sup>. Essa compreensão alcança arrimo na escrita cardosiana, afinal de contas, não é possível objetar que Lúcio Cardoso tenha herdado da tradição mineira o sentimento religioso cristão. Desde a infância

---

<sup>22</sup> LEJEUNE, 2008, p. 261.

<sup>23</sup> CARDOSO, 2012, p. 452.

<sup>24</sup> KIERKEGAARD, 2010, p. 39.



manteve uma ligação fervorosa com os credos e os dogmas católicos, os quais o seguiram por toda a vida e exerceram grande influência, dando origem a conflitos reverberantes em sua obra:

Se Deus não existisse, não chegaríamos apenas à conclusão de que tudo seria permitido. A vida seria simplesmente IMPOSSÍVEL, o peso do nada nos esmagaria com sua existência de ferro. Tudo pode desaparecer, desde que seja possível continuar numa outra vida – mas saber que todo esforço é vão, que o jogo não tem maior razão de ser, tira-nos não só o gosto de brincar, como o de realizar qualquer coisa que valha a pena. A existência de Deus, mesmo mantida no subconsciente ou apenas pressentida, é o que garante a chama da vida no coração de quase todos os homens.<sup>25</sup>

Arauto do homem subterrâneo, em termos dostoevskianos, o escritor mineiro depreende a existência do homem como algo irremediavelmente associado à presença de Deus. Ao mesmo tempo, desvela de forma contundente a face perplexa de indivíduos que, arrebatados pelas vicissitudes da vida e pela devassidão dos desejos, contestam os valores impostos pela sociedade, revelando-se espíritos cheios de incertezas, que, ceifados de qualquer possibilidade de pertencimento, transformam-se em criaturas soturnas, agônicas e tétricas, seres deambulantes à procura da luz que penetra na caverna da existência.

Na reflexão do diarista aflora a percepção de que “a morte de Deus deve anunciar a morte do Homem, significando aqui a criatura temerosa, culpada e dependente que hoje leva esse nome”<sup>26</sup>. Nesse sentido, a concepção de um mundo sem Deus somente seria crível na plenitude de um universo absurdo; porém, se o deicídio não está completo, o corpo de Deus sobrevive na hipocrisia e nas reticências do recalque humano e a sombra da deidade precisa ser vencida<sup>27</sup>. Nesse ínterim, o homem seguirá respirando ainda que, por vezes, com a ajuda de aparelhos.

---

<sup>25</sup> CARDOSO, 2012, p. 192.

<sup>26</sup> EAGLETON, 2018, p. 148.

<sup>27</sup> NIETZSCHE, 2012.

Lúcio Cardoso compreende que o homem deve ser percebido em sua inteireza, de sorte que o exame minucioso das enfermidades da alma leva-o à descoberta do pecado, isto é, o Mal moral, entendido por Paul Ricœur como “o que torna a ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão”<sup>28</sup> – eis um dos pontos altos dos *Diários* cardosianos. Não sem motivação, o pecado é visto como elemento intrínseco à condição humana, constitutivo de sua composição, espécie de câncer existencial oriundo de forças potencialmente enfraquecedoras e destrutivas, todavia, termômetro da vida:

O sentimento do pecado é que nos faz avaliar o quanto estamos vivos; é pela angústia, pelo sofrimento aterrorizante que me habita (acordo durante a noite, dentro de um silêncio sobrenatural, com a impressão de que cometi onde e não sei quando, um ato irreparável) que avalio o quanto estou longe de possuir esse espírito tranquilo e isento de outras preocupações que não seja o meu tormento de todo dia. Eis um momento em que sofro, e tudo me parece incerto, pesado e sem claridade o mundo perfeito da consciência culpada, do espírito marcado pelo remorso, pela noção do pecado entranhando na carne, orientando a existência como um câncer ramificado no ser, e que chamasse a si toda manifestação de vida.<sup>29</sup>

Com a lucidez e a força íntima que caracterizam o seu estilo, o escritor reflete, na direção do âmago da metafísica, sobre o sentimento do pecado e o circunscreve como elemento constitutivo da existência, ou seja, uma espécie de matéria intrínseca à condição humana, refletora dos estados angustiosos de ânimo. Dentro dessa perspectiva, de um lado, o pecado é uma nódoa, cicatriz indelével da cisão entre Deus e o homem; de outro lado, é o traço que singulariza o indivíduo, portanto, a um só tempo, negativo e positivo. Percebe-se que, em certa medida, Lúcio Cardoso apresenta um sistema de crença bastante próprio em oposição à tradição cristã. Isto é, a teologia é constantemente questionada pelo sujeito que, experienciador do erro, assume-o como matéria inseparável da humanidade. Destarte, a partir da leitura dos *Diários*, podemos observar que o escritor expressa a sua espiritualidade de forma conflituosa, a

---

<sup>28</sup> RICŒUR, 1988, p. 23.

<sup>29</sup> CARDOSO, 2012, p. 299.

ponto de confessar: “Eu acredito em Deus, eu não posso deixar de acreditar em Deus – é Deus para mim uma necessidade mais forte do que a minha existência. Mas como supor que possa lhe agradar o absurdo deste universo dissociado e sem finalidade?”<sup>30</sup>.

Na condição de escritor e homem católico, Lúcio Cardoso sentiu na própria carne o peso de suas inclinações. Homossexual e religioso, ele viveu sempre atormentado pelo desejo de cultivar os dogmas católicos, sem encontrar forças para renunciar àquilo que o constituía, a sexualidade que jamais poderia abandonar. Lúcio Cardoso foi um inadaptado à vida e à sua condição existencial. Uma das causas para que o escritor se sentisse um “príncipe, mas esfarrapado”<sup>31</sup>, sabemos, está relacionada à sua incapacidade de dirimir o conflito existencial latente, cujas imbricações são seus desejos íntimos e o misticismo católico, força motriz da escrita cardosiana.

Dessa congruência resulta a impossibilidade de o escritor afastar-se do mal sobre o qual escreve, pois os dramas que se propôs a estetizar com tinta e papel são ramificações que se alastram desde os recônditos da alma até a ponta de seus dedos. Ao escrever suas obras tendo por base os seus conflitos mais íntimos, Lúcio Cardoso cria uma espécie de “vida escrita”<sup>32</sup>. Com efeito, os rastros dessa escritura também devem ser explorados mediante a expressividade do duradouro feixe de luzes, aqui e ali, deixados pela visão das montanhas das Gerais.

Compete-nos esclarecer que, apesar de ter residido e publicado seus livros no Rio de Janeiro, cidade pela qual nutria grande apreço, o coração de Lúcio Cardoso sempre andou e esteve ligado às paisagens de Minas. Lúcio Cardoso jamais esqueceu o universo mineiro, que intrínseco a sua obra, não resultou apenas numa deglutição do regional, mas na estetização da relação das montanhas com o homem mineiro onipresente na sua obra e, por vezes, na atitude existencial do próprio romancista que assume, em contraposição ao

---

<sup>30</sup> CARDOSO, 2012, p. 457-458.

<sup>31</sup> CARDOSO, 2012, p. 515.

<sup>32</sup> BRANDÃO, 2006.

espírito libertário e antidogmático que lhe é próprio, as características do povo mineiro: silencioso, sóbrio e tradicionalista<sup>33</sup>.

Visitando regularmente as cidades mineiras, em julho de 1962, durante a estadia em Ubá, Lúcio Cardoso escreveu, de maneira bela e poética, o relato que, possivelmente, melhor revela seu amor telúrico por Minas Gerais. Desse relato, transcrevemos somente um curto excerto, pois estamos convencidos que a leitura destas poucas linhas é suficiente para ratificar nossa afirmativa:

Minas, esse espinho que não consigo arrancar do meu coração – fui menino em Minas, cursei Minas e os seus córregos, vi nascer gente e morrer gente em Minas, na época em que essas coisas contam. O que amo em Minas é a sua força bruta, seu poder de legenda, de terras lavradas pela aventura que, sem me destruir, incessantemente me alimentam. O que amo em Minas são os pedaços que me faltam, e que não podendo ser recuperados, ardem no seu vazio, à espera que eu me faça inteiro – coisa que só a morte fará possível.<sup>34</sup>

A evocação do “espinho” bacoreja a finalidade precípua de estetizar o retrato do indivíduo em desconforto. O desassossego existencial vai aos poucos firmando em Lúcio Cardoso a consciência dos sentimentos contraditórios que o habitavam, do amor-ódio nutrido por sua terra natal, aproximando-o daquilo que não consegue evitar, porque a destruição dessa imagem tormentosa representaria a mortificação do elo com o paraíso perdido experimentado na infância nas Minas Gerais. Deslindando o real da aparência, a simbólica palavra “espinho” preconiza um universo onde prepondera a dor. Um corte cinde o prisma temporal instaurando o presente e o passado. O primeiro correspondendo ao tempo do agora da realidade escritural; o segundo, voltado ao domínio das lembranças enternecidas do Lúcio-menino. O distanciamento temporal distingue os aspectos do real. Ao mesmo tempo, as lembranças se depuram, fazendo florescer imagens desalinhas. Por esse ângulo, Lúcio

---

<sup>33</sup> TORRES, 2011.

<sup>34</sup> CARDOSO, 2012, p. 504.

Cardoso reflete sobre o seu drama íntimo, como quem passa por um processo de gnose, um momento catártico no qual desvela as agruras da vida adulta.

É no sentido de uma reação a esse incômodo espinho que a literatura de Lúcio Cardoso se ergue contra os substratos da mineiridade passadista. Prenhe do conflito entre forças antagônicas, que se transmutam em matéria literária, a dicção cardosiana dilata-se no romance como purgação dos dramas existenciais vividos pelo escritor. Nesse sentido, as personagens de Lúcio Cardoso, além de serem criações de papel e tinta, são reflexos das atitudes de seu criador, antídotos para os dramas, os medos e as angústias por ele sofridos; estão, portanto, enredadas no “pacto fantasmático”<sup>35</sup>. Na *Crônica da casa assassinada*, por exemplo, essa fantasmagoria se apresenta de modo mais flagrante em Timóteo, Nina e Padre Justino, que encarnam a atitude subversiva tão cara ao escritor.

Acrescentemos à nossa percepção um fragmento do depoimento concedido a Fausto Cunha (1961), intitulado “Lúcio Cardoso (patético): ‘Ergo meu livro como um punhal contra Minas’”, por ocasião do lançamento do romance *Crônica da casa assassinada*:

Meu movimento de luta, aquilo que viso destruir e incendiar pela visão de uma paisagem apocalíptica e sem remissão, é Minas Gerais. Meu inimigo é Minas Gerais. O punhal que levanto, com a aprovação ou não de quem quer que seja, é contra Minas Gerais. Que me entendam bem: contra a família mineira. Contra a literatura mineira. Contra a concepção de vida mineira. Contra a fábula mineira. Contra o espírito bancário que assola Minas Gerais. Enfim, contra Minas, na sua carne e no seu espírito.<sup>36</sup>

Ferino em sua *vida escrita*, o escritor não faz mea-culpa. Deixar no rés do chão a ossatura opressora do conservadorismo mineiro é o seu maior objetivo. Repleto de ousadia e desnudo de pudores, a reflexão cardosiana transpassa o corpo chagado do patriarcado, penetrando nos lugares mais recônditos e

---

<sup>35</sup> LEJEUNE, 2008.

<sup>36</sup> CARDOSO, 2012, p. 731.

obscuros da alma, lacerada, muitas vezes, por desejos interditos, revelando as contradições e as enfermidades da mineiridade.

Acerca dos dramas existenciais consubstanciados na produção de Lúcio Cardoso, nota-se, em seus escritos íntimos, o sentimento trágico e incômodo da perpétua incompletude humana. Em seus *Diários*, ergue-se a voz do indivíduo lacerado pela ideia de abandono, que perdido em um mundo sem Deus, percebe-se despojado de transcendência.

Sob esse prisma, a escrita cardosiana constrói-se por intermédio da confluência de indagações filosófico-religiosas geradas no confronto entre a dimensão espiritual e humana, que, estetizadas em sua obra, permitem que o autor reflita e tente compreender o universo a sua volta. O homem desponta como uma criatura de falta, que marcado pela ausência do sagrado abisma-se no império da vida. Nesse sentido, o homem está sozinho consigo mesmo, perdido e tendo de tatear na própria escuridão existencial. A valer, a realidade impõe-se com força: o indivíduo agora é percebido em sofrimento, vítima e algoz de sua própria existência miserável e sua condição efêmera.

### Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **A vida escrita**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

EAGLETON, Terry. **A morte de Deus na cultura**. Tradução de Clóvis Marques. 2ª ed. Rio Janeiro: Record, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 5. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O desespero humano** (doença até a morte). Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RICŒUR, Paul. **O mal**: um desafio à filosofia e à teologia. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988.

ROCHA, Clara. **Máscaras de Narciso**: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina, 1992.

TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

**Romildo Biar Monteiro** é doutorando em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisa as representações do Mal na ficção de Lúcio Cardoso. É pesquisador do Grupo de Estudos Vertentes do Mal na Literatura. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

**Mary Nascimento da Silva Leitão** é doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará. É professora do Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa (ESPELP/ UECE) e integrante dos grupos de pesquisa: Residualidade Literária e Cultural (GERLIC/ UFC) e Literatas Latino-Americanas (LILA/ IFCE). Participa do Grupo Ceará em Letras, que publica anualmente artigos acerca de obras de autores cearenses.

Recebido em novembro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.